



DEMANDA E DESEJO NO ATENDIMENTO A IMIGRANTES E REFUGIADOS: APORTES LACANIANOS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

DEMANDA Y DESEO EN LA ATENCIÓN A INMIGRANTES Y REFUGIADOS: CONTRIBUCIONES LACANIANAS DE UN ESTUDIO DE CASO

DEMAND AND DESIRE IN IMMIGRANTS AND REFUGEES CARE: LACANIAN CONTRIBUTIONS FROM A CASE STUDY

Gustavo Pedroso da Silva¹
Elaine Cristina Schmitt Ragnini²

RESUMO: Como responder, desde uma escuta alinhada à ética da psicanálise, às demandas ao campo institucional realizadas por sujeitos em deslocamento, submetidos à vulnerabilidade socioeconômica e política? A atual pesquisa vem de forma a responder este questionamento. Apoiando-se, destarte, numa leitura interdisciplinar e crítica das abordagens éticas, políticas e econômicas que promovemos, ou não, o reconhecimento do “estrangeiro” nas instituições sociais, identificamos a moral utilitarista como substrato filosófico das práticas de organizações públicas e filantrópicas alinhadas à hospitalidade de migrantes internacionais. A partir de um estudo de caso, propomos o cotejamento entre uma práxis fundada desde a moral utilitarista, alinhada a demandas de assimilação e adaptação, e uma proposta outra de escuta e interpretação, promovida pela ética da psicanálise e tomando como norte a função do desejo. Ademais, a dialética lacaniana da necessidade, demanda e desejo, nos permitiu circunscrever o lócus institucional como espaço significante de circulação de demandas — de assimilação e reconhecimento. O fracasso pré-formado entre demandas, como situado pelo ensino lacaniano, faz reconhecer seus efeitos de mal-estar como sinal de uma experiência do inconsciente. Abertura, portanto, à possibilidade de oferta de trabalho analítico, mesmo que para além das fronteiras do *setting* tradicional, objetivando a manutenção do desejo em sua dialética com a demanda e a expansão do campo da fala.

PALAVRAS-CHAVE: Demanda; Desejo; Imigração; Psicanálise.

RESUMEN: ¿Cómo responder, desde la escucha en línea con la ética del psicoanálisis, a las demandas hechas, en el campo institucional, por los sujetos desplazados, afectados por la vulnerabilidad socioeconómica y política? La investigación actual viene a responder a esta pregunta. Partiendo, por tanto, de una lectura interdisciplinar y crítica de los enfoques éticos, políticos y económicos que promovemos, o no, el reconocimiento del "extranjero" en las instituciones sociales, identificamos la moral utilitarista como sustrato filosófico de las prácticas organizaciones públicas y filantrópicas alineadas con la hospitalidad de los migrantes internacionales. A partir de un estudio de caso, proponemos la comparación entre una praxis fundada en la moral utilitaria, alineada con las demandas de asimilación y adaptación, y otra propuesta de escucha e interpretación, impulsada por la ética del psicoanálisis y tomando como guía la función del deseo. Además, la dialéctica lacaniana de la necesidad, demanda y deseo nos permitió circunscribir el locus institucional como un espacio significante de circulación de demandas de asimilación y reconocimiento. El fracaso preformado entre demandas, tal como lo sitúa la enseñanza lacaniana, nos hace reconocer sus efectos de malestar como signo de una experiencia inconsciente. Abriendo, por tanto, la posibilidad de ofrecer un trabajo analítico, incluso más allá de las fronteras del *setting* tradicional, con el objetivo de mantener el deseo en su dialéctica con la demanda y la expansión del campo del habla.

PALABRAS CLAVE: Demanda; Deseo; Inmigración; Psicoanálisis.

ABSTRACT: How to answer, from a listening point aligned with the psychoanalytic ethic, to the demands made by displaced subjects, subjected to socioeconomic and political vulnerability, to the institutional field? The cur-

¹ Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participa de atividades de pesquisa, ensino e extensão nas áreas: psicanálise aplicada ao atendimento psicossocial de migrantes e refugiados; psicanálise nos espaços públicos; fundamentos da teoria psicanalítica; psicanálise e cultura; psicanálise e política. g_pedroso@live.com

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Educação pela UFPR. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (1999) e mestrado em Administração pela Universidade Federal do Paraná. elaineschmitt@hotmail.com



rent research comes to answer this question. Based, from the start, on an interdisciplinary and critical reading of the ethical, political and economical approaches that we promote, or don't, the recognition of the "foreigner" in social institutions, we identify utilitarian morals as the philosophical substrate of public and philanthropic organizations' immigrants hospitality practices. Based on a case study, we propose a comparison between a praxis founded on utilitarian morality, aligned with assimilation and adaptation demands, and a proposal of listening and interpretation, promoted by the psychoanalytic ethic, guided by the function of the desire. Furthermore, the Lacanian dialectic of need, demand and desire allowed us to circumscribe the institutional locus as a signifier space for the circulation of demands — assimilation and recognition demands, that is. The preformed failure between demands, as situated by Lacanian teaching, makes us recognize its effects of discontentment as a sign of the experience of the unconscious. An opening, therefore, to the possibility of offering analytical work, beyond the borders of the traditional setting, aiming to maintain desire in its dialectics with demand and to expand the field of speech.

KEYWORDS: Demand; Desire; Immigration; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Integração, assimilação, adaptação e naturalização revelam-se termos privilegiados para codificar as tecnologias e instrumentos de colonização da alteridade de denominados estrangeiros — migrantes internacionais, próximos e avizinados em uma relação de estranhamento, não semelhança. Segundo Cesare (2020, p. 196), são significantes utilizados “para designar o desenvolvimento que deveria levar a uma sociedade coesa, bem integrada...”. Isto é, de forma que a maior felicidade ou bem-estar possível seja o compartilhado pelo maior número possível de pessoas — como cunhado pelos princípios utilitaristas (ABBAGNANO, 2007) — à custa do abandono progressivo da alteridade própria ao migrante.

Tais projetos de assimilação, articulados ao ideal utilitarista, são manejados pelas políticas de Estado de bem-estar social e das organizações, públicas e filantrópicas, a elas submetidas (JULIEN, 1996; CESARE, 2020). Articulando, como proposta organizacional, uma economia dos bens onde é instaurada a regra da partilha entre semelhantes (ABBAGNANO, 2007) e um modelo de controle de subjetividade em que indivíduos, para obter “reconhecimento, admiração e serem considerados como uma pessoa fundamental para os objetivos da organização”, submetem-se ao projeto institucional ou organizacional (FARIA, 2013, p. 127). Desta forma, afirma Cesare,

A condição mínima exigida por uma sociedade liberal e aberta, capaz de integrar, é que o outro seja, o mais rápido possível, um pouco menos outro, e dê provas concretas disso, tornando assim não totalmente ilegítima sua presença no território nacional. (CESARE, 2020, p. 193)

A partir de uma política utilitária, sendo moralmente bom o que é útil para a grande maioria, faz-se necessário às organizações, instituições e agentes — defrontados com a estrangeiridade — subsumir o interesse individual ao universal (GODOY, 2016). Isto é, demandar ao estrangeiro que seja menos estrangeiro, adequando-se ao ideal de universalidade insti-

tuído; tendo como horizonte o reconhecimento pelo outro e sua inscrição no laço social da sociedade autóctone. Se, por um lado, o solicitante de refúgio demanda ao estado de acolhida seu reconhecimento como sujeito de direitos (e desejos), a sociedade autóctone demanda que renuncie a sua estrangeiridade, daquilo que o faz inapreensível ou *estranho* ao campo discursivo corrente³.

A partir da experiência da psicanálise, fundada por Freud e recuperada por Lacan, testemunhamos que os esforços de universalização da ética, política e economia utilitarista revelam-se, em última análise, estruturalmente impossíveis (JULIEN, 1996): o estrangeiro, em sua relação de extrema proximidade, mantém-se irredutível à semelhança. Freud (1930/2020) é categórico: há um mal-estar na cultura — nas modalidades que nos avizinhamos e reconhecemos, ou não, o outro como semelhante. Isso se dá, segundo Lacan (1959-60/2008), pela subsistência de uma dimensão inassimilável da alteridade às capturas imaginárias (i.e., no espelho da semelhança). Trata-se de um para além do princípio do prazer-desprazer, como situado pela experiência freudiana, e nomeado por Lacan como gozo (ou *jouissance*). Há uma impossibilidade de amar o próximo em sua alteridade de gozo, pois essa porta uma dimensão do mal que também habita em mim (FREUD, 1930/2020; LACAN, 1959-60/2008). Nas palavras de Freud (1930/2020, p. 363),

o próximo não é [para o ser humano]... apenas um possível colaborador e um objeto sexual, mas é também uma tentação, de com ele satisfazer sua tendência à agressão, de explorar a sua força de trabalho sem uma compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo.

Segundo Miller (2016) o gozo é a razão pela qual o outro é Outro (leia-se, grande outro). Frente a essa alteridade radical do próximo (KNOBLOCH, 2015), inassimilável à sua função como pequeno outro (ou semelhante), supõe-se (isto é, fantasia-se) acerca dessa dimensão enigmática de gozo; ligando-a à intenção de me explorar, privar, roubar e, por fim, matar. Testemunhamos que o encontro com a alteridade estrangeira defronta o sujeito autóctone, portanto, com o desvelamento das fantasias que contornam seu gozo; isto é, das formas inconscientes de satisfação e enlace social que estabelece como determinantes a si mesmo⁴.

³ Podemos citar, como exemplo de projeto de assimilação forçada, o banimento institucional ou legislativo do uso do *hijab* em público por mulheres muçulmanas, fomentado pelo antagonismo público e política contra imigrantes e refugiadas em países como França e Canadá (SYED, 2012).

⁴ Reconhecemo-las fenomenologicamente nas prescrições morais que os sujeitos seguem; os ideais os quais se submetem; desejos que os contestam, e as possíveis instrumentalizações sociais dessas relações em modalidades de sofrimento, reprodução de violências e *habitus* de produção e consumo dos bens (ROSA et al., 2006).

No que concerne à dimensão política e econômica, identificamos, portanto, um impasse da filosofia utilitarista frente à alteridade incompreensível, deste gozo Outro que é inassimilável pela lei da semelhança que institui. Se, para o utilitarismo, interesses egoístas entram em conflito direto com as exigências da felicidade, bem-estar ou prazer para a maioria, isto, para Lacan (1959-60/2008), não poderia estar mais longe da verdade. “É um fato da experiência”, afirma, “o que quero é o bem dos outros contanto que permaneça à imagem do meu” (LACAN, 1959-60, 2008, p. 224). “Tudo isso nos leva a admitir”, diz Miller (2016), “que se quer bem ao Outro com a condição de que ele se torne o mesmo”.

Como visto, a impossibilidade de total assimilação do estrangeiro e o velamento de sua função como alteridade produz, por consequência, a experiência do *mal-estar* na cultura e em suas instituições (FREUD, 1930/2020). Mal-estar demonstrado em fantasias comumente difundidas: afirmações de que pessoas migrantes estão roubando empregos de nacionais ou abusando de políticas assistenciais que subsistem através do dinheiro de seus impostos (CESARE, 2020). O mal-estar, não obstante, pode culminar em atos violentos⁵, guerras, levantes racistas e xenófobos e na construção de políticas cada vez mais conservadoras (JULIEN, 1996; MILLER, 2016; SOLER, 2018; CESARE, 2020). Lacan (1959-60/2008) já diagnosticava o fracasso, no plano social, da captura total da imagem do outro no espelho da semelhança.

É nesse fracasso, entretanto, que reside a carga subversiva da migração. O migrante desmascara o Estado, suas instituições e políticas, o circuito da identidade nacional (MILLER, 2016) e práticas instituídas de acolhimento e cuidado (KNOBLOCH, 2015). “Da margem externa interroga seu fundamento, aponta o dedo contra a discriminação, relembra o Estado de sua constituição histórica... E por isso obriga-o a repensar-se”, nas palavras de Cesare (2020, p. 28).

Faz-se necessário, como praticantes da psicanálise e psicanalistas em formação, reconhecer a relevância da leitura lacaniana da moral utilitarista e da identificação realizada, por autores contemporâneos, da subversividade característica da migração — apontando o caminho ético de condução da práxis psicanalítica, à altura das subjetividades de nossa época. É desde o lócus do estrangeiro, figura ao mesmo tempo próxima, porém não semelhante, que torna-se possível interrogar o funcionamento de instituições, organizações, dispositivos e ser-

⁵ É tragicamente paradigmático o assassinato de João Manuel, imigrante angolano, esfaqueado em São Paulo após discussões acerca do pagamento de auxílio emergencial federal para imigrantes durante a pandemia da Covid-19 (FIGUEIREDO, 2020).

viços que compomos como saber Psi. Isto é, desnaturalizar — desde uma referência à alteridade — suas práticas, localizando-as histórica, cultural e socialmente.

Na atual investigação, propomos apresentar a experiência e reflexão de praticantes da psicanálise inseridos em um projeto de extensão universitária interdisciplinar, voltado ao acolhimento e hospitalidade para com migrantes e refugiados em território brasileiro. Localizando, como pressuposto empírico, tais práticas de hospitalidade da instituição em uma moral utilitarista, como apresentada anteriormente.

A partir de um estudo de caso, objetivamos cotejar a ética da psicanálise (atenta à singularidade e tomando como norte a função do desejo) e a moral utilitarista (em seus esforços de universalização, demandando ao outro que seja menos outro). A fim de possibilitar esse debate dentro do campo da psicanálise, tomaremos como referência a dialética da necessidade, demanda e desejo — reconhecendo o destaque dado por Lacan (1958-59/2016) à sua função como chave interpretativa dos fenômenos clínicos, ou da experiência do inconsciente.

Partimos para a introdução dessa dialética⁶; sucedida por considerações metodológicas acerca da atual investigação; a apresentação e discussão do caso em questão (*caso Alejandro*), concluindo com breves considerações finais sobre as possibilidades de presentificação da psicanálise no mundo. Não obstante, nosso objetivo principal é responder a um questionamento produzido na experiência prática de atendimento a imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados: *Como responder, desde uma escuta alinhada à ética da psicanálise, às demandas ao campo institucional realizadas por sujeitos em deslocamento, submetidos à vulnerabilidade socioeconômica e política?*

2 A DIALÉTICA DA NECESSIDADE, DEMANDA E DESEJO

Para Lacan (1957-58/1999), o significante existe, a princípio, para exprimir uma demanda. É necessário ao sujeito, desde sua condição de submetido à linguagem e ao campo das trocas simbólicas, traduzir suas insatisfações em imagens verbais. Processo que implica a presença de um Outro, código dos significantes, habilitado a transpor as necessidades vitais do sujeito ao campo simbólico (LACAN, 1958-1959/2016). Situamos, a partir de tal relação, dois desdobramentos relevantes à atual investigação: a captura da *necessidade* em uma relação significativa e que, por conta dessa captura, será re-significada; e a constituição do sujeito, e

⁶ Optou-se por um recorte parcial do ensino de J. Lacan, abarcando um período entre 1957 a 1961, anos em que a dialética do desejo foi submetida a um processo extenso de formalização teórica.

de seus quereres, como alienados ao campo do Outro da linguagem. Dedicamo-nos a explorar estes desdobramentos na ordem apresentada.

Se o desprazer é, em tempo lógico, inicialmente uma incógnita ao ser vivente, uma inquietação experienciada em seu corpo como *estrangeira* a si mesmo (FUKS, 2013); o empréstimo de um significante por parte de outro ser humano permite a escrita dessa insatisfação (necessidade vital) no campo das trocas simbólicas e das significações, inscrevendo-se como demanda. Desta forma, “a partir do momento em que ele [o sentido] passa pela dialética da demanda introduzida pela existência do significante, nunca mais se toca na necessidade” (LACAN, 1957-58/1999, p. 107).

A demanda, entretanto, apresenta-se como infundável, Lacan (1958a/1998, p. 623) afirma que “o sujeito nunca fez outra coisa [se não demandar], só pôde viver por isso”. O ensino lacaniano reconhece a demanda como intimamente associada a uma experiência de satisfação mítica da necessidade: sua plenitude ideal é simultaneamente engodo e ponto de partida de sua dialética (LACAN, 1957-58/1999).

De acordo com Soler (2016), isso se dá pela diferença fundamental entre o objeto da pulsão, o objeto do desejo e o objeto do amor. Segundo a autora, a pulsão — força motriz do aparelho psíquico — realiza uma exigência de gozo ao sujeito, isto é, de plena satisfação por meio da presentificação do objeto originário da necessidade. A entrada na linguagem, como visto, exige que essa insatisfação (em primeiro momento estrangeira ao organismo) seja circunscritível no campo dos significantes. O processo de simbolização, contudo, implica uma hiância constituinte ao sujeito na linguagem (à qual reconhecemos sob o crivo da castração); um desencontro entre aquilo que o sujeito solicita e que o Outro lhe oferece como resposta. Hiância fundamental que leva o sujeito neurótico à construção de fantasias inconscientes, objetivando suplantar este desencontro por meio de um objeto: o objeto de desejo por excelência⁷.

O objeto de amor, por sua vez, revela-se na pulsão já articulada à cadeia significante em forma de demanda. Isto é, como demanda de amor, alienada ao campo do Outro da linguagem que, assim como o sujeito, também é marcado pela castração: ele também não pode fornecer ao sujeito o significante que simbolizaria totalmente sua falta. A demanda, e seu estatuto de eterna insatisfação, revela-se demanda de presença do Outro, desde sua posição privilegiada de ofertar justamente aquilo que não possui e por consequência não pode oferecer

⁷ Desta forma, reconhecemos que a entrada na linguagem, a passagem da necessidade à demanda, como anteriormente visto, produz em seu horizonte o objeto do desejo. Lacan (1959/1998, p. 717) afirma que “a incidência concreta do significante na submissão da necessidade à demanda que, recalçando o desejo na posição de desconhecido, dá ao inconsciente sua ordem”.

ao sujeito de forma positivada, “isto é, enquanto precisamente o que dá está para além de tudo o que pode dar, o que dá é justamente esse nada...” (LACAN, 1958-59/2016, p. 131)⁸. Trata-se, pois, de sua *falta*, aquilo que o faz, assim como o sujeito, desejante. Vemos aqui desenhar-se o aforismo lacaniano: o desejo é sempre desejo do desejo do outro — positivado na forma do amor ou reconhecimento.

E onde se encontra o objeto da necessidade? Para Lacan (1958b/1998) desde que há linguagem e, portanto, há sujeito na linguagem, a necessidade torna-se somente um momento mítico. O fornecimento de objetos de víveres, mediado pelo Outro da linguagem, são reconhecidos como signos de amor, por tratar-se de um Outro que deseja o sujeito. Este erotismo na relação do sujeito com os objetos da necessidade os torna, paradoxalmente, eficazes para a produção de prazer na medida em que os descaracteriza de sua natureza; invocando-os como substitutos em uma longa sequência de objetos eleitos no desfiladeiro de significantes, na forma de objetos da demanda.

A demanda estará, portanto, sempre insatisfeita. É a impossibilidade de plena satisfação da pulsão que permite, contudo, a mobilização do aparelho da linguagem e da série pulsional. Estruturando, outrossim, a existência do sujeito; mantendo sempre em seu horizonte o objeto do desejo. Parodiando o poeta⁹: uma criatura, entre outras criaturas, pode somente demandar!

A demanda, entretanto, não é explícita, sendo oculta ao próprio sujeito que a enuncia; surgindo, na experiência analítica, a partir de sua interpretação (LACAN, 1960-61/1992). É no ato efetuado por aquele que escuta, que o discurso concreto, no qual a demanda se oculta, comporta um impasse: as relações da demanda com a resposta (a interpretação) que lhe é ofertada. Toda demanda, como fala, busca atrair do Outro sua resposta de forma invertida. Pela força de sua estrutura, afirma Lacan (no que diz respeito à demanda oral), “a demanda de ser alimentado responde, assim, e de uma maneira que se pode dizer logicamente contemporânea a esta demanda, no lugar do Outro, (...) a demanda de se deixar alimentar” (LACAN, 1960-61/1992, p. 201). Tomemos como exemplo dessa afirmação, a cena de amamentação apresentada por Freud (1905/2016)¹⁰, retomada por Lacan (1960-61/1992) e por Nasio (2007): A mãe, frente ao apelo do bebê — o qual identifica como fome — realiza uma demanda, “deixe-

⁸ A demanda, portanto, não pode ser confundida com as satisfações às quais clama, aos pedidos ou solicitações do indivíduo. Segundo Lacan (1958b/1998) a demanda anula as particularidades dos objetos a ela oferecidos, transformando-os em signos de amor e reconhecimento.

⁹ “*Amar*” por Carlos Drummond de Andrade (2012), originalmente publicado em 1951.

¹⁰ Como pontuado por Freud (1905/2016), essa fantasia infantil torna-se matriz das relações objetais posteriores, sendo tomada como engodo, experiência mítica de gozo (satisfação pulsional total) que compele o sujeito à sua repetição.

se alimentar”, sustentando seu voto materno. A criança, por sua vez, identifica-se a esse enunciado, recolhendo-o retroativamente como *sua* demanda: “tenho fome”; oferecendo-a como significado ao desejo opaco da mãe, cuja presença lhe provoca grande angústia (NASIO, 2007). Logicamente, para Lacan, essas duas demandas realizam-se em sincronia.

A relação entre mãe e bebê, sujeito e Outro, não é, contudo, de complementaridade. Entre as duas demandas, “tenho fome” e “deixe-se alimentar”, subsiste um *gap*, uma hiância em que se insinua uma discordância estrutural: o fracasso pré-formado do encontro *entre demandas* (LACAN, 1960-61/1992). Como visto, um desencontro estrutural entre o significante advindo do Outro e a insatisfação experienciada pelo sujeito — o *estrangeiro* em seu próprio corpo.

Frente à interpelação do sujeito, Lacan (1960-61/1992) não descarta a possibilidade de uma série de equívocos na produção de uma resposta, propriamente analítica, à sua demanda. Cabe, àquele que sustenta a ética da psicanálise, possuir extrema prudência em relação às suas interpretações. Abrem-se dois caminhos, e resultados, à resposta a demanda: a preservação do campo da fala, como possibilidade de reencontrar sempre o lugar do desejo; e a possibilidade de sujeição: impor ao sujeito que, uma vez que tenha suas necessidades satisfeitas, só reste a ele se contentar.

Uma intervenção propriamente analítica deve, portanto, basear-se na primeira qualidade de resposta, fazendo “da frustração compensada o termo da intervenção analítica”, nas palavras de Lacan (1960-61/1992, p. 203), não perdendo no horizonte o desejo como possibilidade de subsistência do sujeito. Afinal, responder à demanda, que antecipa sua frustração como condição de manutenção do desejo, a partir de um significante “alimentício”, elide “que para além de todo alimento da fala, o que o sujeito realmente necessita (...) não está em ponto algum dessa fala” (LACAN, 1960-61/1992, p. 208). É necessário, em primeiro momento, manter-se na incompreensão do que é solicitado — sustentar a *estrangeiridade* do pedido como possibilidade de subsistência do desejo.

3 O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO

De forma a compreender as noções teóricas supracitadas em seu enlace com a práxis psicanalítica, em contexto institucional com sujeitos em deslocamento geográfico (e psíquico, poderíamos afirmar), a atual pesquisa privilegia o estudo de caso, instituído na psicanálise desde a experiência freudiana, como método de investigação e elaboração conceitual. Objetivando, portanto, o relato e análise de encontros institucionais, marcados pela radical singula-

ridade da experiência transferencial e apostando em sua potencialidade no que concerne ao avanço teórico acerca de noções fundamentais à teoria psicanalítica (NASIO, 2001).

No que concerne ao reconhecimento do caso como passível de interpretação e intervenção analítica, recorreremos ao argumento da irreducibilidade das experiências transferenciais ao *setting* clínico tradicional. Segundo Lacan (1970/2003), é graças à experiência freudiana que reconhecemos o inconsciente a correr nas ruas, indicando um alhures que opera, ou trabalha, nos fenômenos sociais. Ademais, de acordo com Rosa (2004), a escuta transferencial determina o que será recolhido da experiência concreta, delimitando o campo de incidência de tais fenômenos numa cena transferencial e atribuindo uma qualidade própria aos dados de pesquisa; uma qualidade singular e analítica, pode-se afirmar.

Ofertou-se, portanto, como instrumento de trabalho e recolhimento de dados de investigação, o método da “escuta de corredor” (GEBRIM, 2018). Trata-se, em suma, da realização, e ulterior elaboração teórica, de encontros clínicos em espaços coletivos de convivência e circulação — modos de estar (e escutar) que acontecem espontaneamente, caracterizados pela figura do praticante da psicanálise “andarilho”. Sustentando a estrangeiridade, em sua potência, no permanecer-se disponível ao arrebatamento do encontro (GEBRIM, 2018).

Faz-se necessário destacar, como qualidade do método aplicado, que o estudo de caso desde a tradição psicanalítica não trata de uma observação objetiva e descritiva de técnicas empregadas, mas da tessitura de uma história singular, igualmente tocada pela singularidade de quem a recolhe e opta por transmiti-la (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002). Dessa forma, é imprescindível localizar que o atual estudo é possibilitado pela experiência particular dos pesquisadores no atendimento psicossocial às pessoas migrantes e refugiadas em um projeto de extensão universitária. Apostamos, sem embargo, que essa experiência pode possibilitar a elaboração de questões teórico-práticas acerca do fazer da psicanálise em contextos para além das fronteiras do consultório.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O LUGAR DA ESCUTA PARA ALÉM DA NECESSIDADE E AQUÉM DA DEMANDA - O CASO ALEJANDRO¹¹

No primeiro momento em que encontrei Alejandro na universidade o ouvi, desde a mesa que ocupava, a falar uma mistura de português e espanhol enquanto era atendido por um

¹¹ A partir daqui, seguiremos o texto em primeira pessoa. Restituindo, dessa forma, o caráter parcial, singular e de testemunho dos encontros institucionais em questão.

dos estudantes de Direito que estava de plantão¹². Em supervisão semanal com meus colegas e orientadora, fui introduzido a seu caso. Tratava-se de um encaminhamento realizado por outra instituição, solicitando que buscasse atendimento psicológico e orientando-o a procurar nosso projeto, de forma a inscrever-se na lista de espera para a realização dos atendimentos clínicos. Em supervisão, foi dito que se tratava de um homem agressivo, cuja presença se tornara intimidante para outros extensionistas. A partir deste primeiro contato começo a avistar Alejandro semanalmente.

Já inscrito na lista de espera do Centro de Psicologia Aplicada da universidade, Alejandro inicia outras formas de contato com extensionistas da Psicologia e do Direito. Sucedeu-se, em nosso primeiro encontro, a realização de uma série de pedidos jurídicos, laborais e educacionais. No momento, como dispúnhamos de tempo, anotei suas solicitações e o convidei a contar um pouco sobre sua história migratória¹³.

Relatou ser solicitante de refúgio, tendo saído da Venezuela por motivos de perseguição política — era participante de um grupo que fazia oposição ao governo — e de ter encontrado no Brasil um lugar ideal para se viver, comprometido com ideais perdidos na Venezuela, como a liberdade. No início, em sua chegada, é acompanhado por instituições religiosas na cidade, realizando cursos profissionalizantes e conseguindo seu primeiro emprego — permitindo que vivesse em um pensionato. Contudo, uma situação de xenofobia acaba provocando sua demissão do trabalho, pondo fim a sua única forma de sustento e impedindo-o de pagar o pensionato em que vivia. Desempregado e vivendo em uma praça com outros brasileiros em situação de rua, colocava-se de forma enérgica como diferente de seus próximos: “*Yo no soy un drogadito*”, afirmava. *Drogadito* era igualmente a expressão que usava para se referir aos socialistas de seu país de origem.

Deste primeiro encontro recolhi que Alejandro estava em uma situação de urgente vulnerabilidade. Ao conversar com outros colegas e profissionais de referência, a fim de construir encaminhamentos para seu caso, sou informado que seus pedidos já foram atendidos e encaminhados, e que Alejandro diariamente se dirigia à instituição realizando as mesmas solicitações e compartilhando os mesmos relatos sobre sua história migratória e como refugiado político. Em primeiro momento, hipotetizei que seus comportamentos impositivos, agressivos

¹² Estudantes extensionistas que realizam suas atividades de hospitalidade e acolhimento na universidade, campo da investigação e dos atendimentos, dividem-se em plantões de 2 a 4 horas diárias.

¹³ Tal pedido vem de forma a circunscrever os intrincados caminhos realizados pelo indivíduo em deslocamento, convidando-o a uma primeira historicização de seu percurso de migração e dos possíveis efeitos de sua história nas solicitações que realiza.

e repetitivos eram signos da urgência que o atravessava: o tempo da fome e da insegurança não se resumia ao período de oito horas em que os atendimentos eram realizados.

Passaram-se dois meses e Alejandro mantinha frequência assídua na instituição, vinha se alimentar, tomar um café e, principalmente, conversar com os estudantes extensionistas oriundos do curso de Direito. Suas solicitações eram recolhidas pelos extensionistas e devidamente atendidas, encontrando conclusão eventual. De pessoa conhecida por certa agressividade, como relatado em registros institucionais, começou a construir laços com estudantes brasileiros na instituição. Utilizando todos os dias uma camiseta da seleção brasileira de futebol, repetia jargões políticos de um candidato à presidência brasileira, conservador e antisocialista.

Alejandro começa a ser reconhecido, institucionalmente, como um caso de sucesso. Estudantes e profissionais dedicavam-se a integrá-lo com êxito aos serviços e políticas ofertadas. Com a abertura do processo do vestibular, Alejandro é informado e solicita participar de tal processo. Interrogado sobre qual curso gostaria de ingressar, diz, sem hesitação: “*Direito!*”.

É contemporânea à sua inscrição no vestibular, e subsequente busca de formas de estudar, nosso próximo contato. Alejandro adentra a instituição e senta junto à mesa em que estava; nesse instante, convido-o a conversar sobre como vai sua vida. Fala, de início, sobre sua inscrição no vestibular e sobre a necessidade de participar de cursinhos pré-vestibular gratuitos ou de ser tutorado em seus estudos. Depois de alguns minutos, em que discutimos sobre seu desejo de ingressar no ensino superior e sobre os possíveis recursos que teria à sua disposição, Alejandro questiona se poderia me mostrar alguns vídeos de música no computador, afirmo que não há problema. Apresenta-me o *Calypso de El Callao*, estilo musical que descrevia como paralelo ao samba brasileiro — tratava-se de um ritmo muito popular no carnaval venezuelano.

Alejandro revisitava momentos de sua história, contando-me sobre suas viagens para o carnaval venezuelano e batendo na mesa ao som da percussão que tocava. O momento festivo se encerra ao iniciar um relato sobre sua experiência com a crise político-econômica de seu país de origem, o aumento absurdo dos preços de alimentos, a perda de empregos e sua vinculação a atividades políticas organizadas. É neste momento que revela uma cena íntima, familiar e de grande sofrimento. Na Venezuela era casado com a mulher que descrevia como sendo seu grande amor, tendo, com ela, um filho. Dada a impossibilidade de manutenção de sua casa e da vinculação a um emprego, Alejandro decide vender tudo o que possuía e compra um caminhão, objetivando se engajar no comércio de gasolina com sua mulher — negócio que

soubera ser lucrativo e realizado por conhecidos. Decide iniciar a viagem para além da fronteira, a fim de negociar a compra dos tanques e, ao retornar, descobre que sua mulher havia fugido com seu filho. Em seguida, Alejandro decide migrar para o Brasil, relatando que fez grande parte do trajeto de ônibus e a pé. Afirmou sentir muita raiva de sua ex-mulher, de ter lhe afastado de seu filho, e apresentou o desejo de trazê-lo ao Brasil. Ao ser interrogado novamente sobre suas motivações para a realização do vestibular, afirma que está estudando a constituição brasileira e que deseja construir uma família no Brasil, algo que o ensino superior (um “*diploma*” em suas palavras) poderia lhe fornecer.

Posteriormente, ao final do ano, sou informado que Alejandro não foi aprovado no processo seletivo e que havia solicitado novamente atendimento psicológico¹⁴.

O caso apresentado causou a questão que norteia a atual investigação. A partir dos encontros com Alejandro fui levado a interrogar o que pode a psicanálise frente às necessidades concretas de uma vida sociopoliticamente vulnerabilizada. Alejandro não somente buscava estudantes de Direito, mas também demandava à Psicologia outra dimensão da escuta, relançando solicitações já realizadas e em encaminhamento, dispendo-se a introduzir um pouco de sua cultura no espaço institucional e relatar sobre sofrimentos tão particulares e determinantes em sua história.

A partir do caso de Alejandro testemunhamos não somente os esforços particulares de um sujeito em que o deslocamento geográfico se apresenta como alternativa para a sobrevivência, mas daquilo do qual seu projeto migratório aponta para um horizonte de (re)construção de uma posição frente ao desejo do Outro; mediado por fantasias tão particulares para si. Inicialmente situado em um não-lugar, marginalizado, desempregado e em situação de rua, Alejandro recusa reconhecer os próximos de seu convívio como semelhantes — sente-se ainda mais estrangeiro. A partir de sua vinculação à instituição universitária é situado, destarte, na posição de objeto hostil; entretanto, uma nova possibilidade de existência no desejo do Outro se abre: recolhe dos significantes Direito, Constituição, Diploma, significados ao desejo do Outro social em que se encontra. A partir deste sistema significante¹⁵, mobi-

¹⁴ A suspensão das atividades durante o período de férias e o início da pandemia da Covid-19 impediram que encontrasse Alejandro novamente.

¹⁵ Segundo Lacan (1957-58/1999, p. 99): “[O sujeito] irá dirigir-se de uma certa maneira à senhora que faz obras de caridade, de outra ao banqueiro, de outra ao casamenteiro... Ou seja, seu desejo será tomado e remanejado não apenas no sistema do significante, mas no sistema do significante tal como instaurado ou instituído no Outro”.

lizado pelos encontros com agentes institucionais, sua demanda de reconhecimento toma contornos e qualidades particulares.

Desta forma, ratificamos a posição dos autores supracitados acerca das políticas e intervenções que objetivam a acolhida e hospitalidade desde sua vinculação à filantropia humanista ou como instrumento de aplicação do estado de bem-estar social. Identificando nestas, desde a psicanálise lacaniana, a constituição de uma série de significantes da demanda; referências mínimas para a promoção do reconhecimento frente ao desejo do Outro social.

Se, como colocado pela experiência analítica e ensino lacaniano, o sujeito recolhe os significantes instituídos no sistema do Outro — as demandas deste Outro — como possibilidade de existência em seu desejo, re-introduzindo-os como significantes de *sua* demanda, quais são as questões éticas que se abrem nos encontros institucionais em questão?

Ao pressupormos a circulação de um voto de acolher o outro, o estrangeiro e seus diferentes semblantes, nos mais diversos espaços de hospitalidade; a experiência de Alejandro nos revela a determinação significativa (e, por conseguinte, material) das formas que promovemos, ou não, seu reconhecimento. Testemunhamos os efeitos particulares de uma gramática assimilacionista que captura o voto de acolhida na forma de demandas de integração e adaptação, impondo a lei da semelhança como substrato da hospitalidade e das condições simbólicas de aceitação do outro no locus institucional e social.

Como visto, contudo, o entre demandas antecipa um fracasso: a impossível assimilação completa da alteridade aos discursos instituídos de semelhança. O mal-estar de Alejandro, frente a este impasse e endereçado à Psicologia, encontra outra posição ética; isto é, uma nova modalidade de contato e escuta. A partir da psicanálise, oferta-se como resposta um restaurar e sustentar a dimensão do desejo como anteparo à total alienação ao Outro social — i.e., do fechamento do ciclo da demanda.

Concluimos que os encontros realizados em contexto institucional permitiram o início de uma historização e de um repensar acerca dos desejos particulares de Alejandro. Como efeito dessas breves intervenções, reconhecemos a preservação do campo da fala e a manutenção da hiância irreduzível entre Sujeito e Outro, o que permitiu a produção de novos significantes: o contar de uma nova história sobre sua migração (uma mais íntima e familiar, em contraposição ao peso político que atribuíra a ela inicialmente).

Apostamos que os encontros ofertados por meio do projeto em questão podem favorecer o trabalho na direção da ética da sustentação do desejo em sua radical singularidade. Assim, viabilizando recolher seus efeitos para os sujeitos que falam, para os analistas em formação que se propõe a sua escuta e para o espaço institucional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos que a escuta alinhada à ética da psicanálise — frente às demandas de reconhecimento do estrangeiro no lócus institucional — conduz-se, portanto, ao tomar como norte a função do desejo. Ultrapassando, por um lado, o campo das necessidades; e fazendo frente, por outro, à demanda faminta de assimilação. Trata-se de uma tentativa, sustentada pelo praticante, de fazer emergir, do estrangeiro aos olhos do Outro social, um sujeito. Convidando-o a falar sobre si, de sua história, seus vínculos, desejos e sintomas.

Outrossim, os encontros relatados permitiram identificar, desde a dialética da necessidade, demanda e desejo, a função do lócus organizacional e institucional como espaço significativo de circulação de demandas, adquirindo grande ênfase nos processos de reconhecimento dos sujeitos em deslocamento, para além de sua função como fornecedora de objetos de necessidade instituídos pelas políticas públicas e por uma economia utilitarista dos bens. Tal constatação interpela, por conseguinte, agentes institucionais de acolhimento a interrogarem sua posição ética como agentes de reconhecimento; e de sua responsabilidade na reprodução e patrocínio de políticas que objetivam o silenciamento daqueles para além do espelho da semelhança.

O fracasso da assimilação nos permitiu reconhecer seus efeitos de mal-estar como sinal de uma experiência do inconsciente, da existência de uma subjetividade singular irreduzível às tentativas de subsunção universal. E, para além disso, uma possibilidade de oferta de trabalho analítico, mesmo que para além das fronteiras do *setting* tradicional, objetivando a manutenção do desejo em sua dialética com a demanda. Sustentando, por fim, uma escuta, desde a ética da psicanálise, que opera no campo institucional como possível recurso de proteção contra a afânise — reconhecendo-a como efeito psíquico da demanda assimilacionista e de seus esforços de velamento, se não recusa da alteridade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Traduzido por Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Amar”. In: *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 37-38.

CESARE, Donatella Di. *Estrangeiros Residentes: uma filosofia da migração*. Tradução de Cezar Tridapalli. Belo Horizonte, Veneza: Editora Ayiné, 2020.

FIGUEIREDO, Patrícia. Angolano morre esfaqueado na Zona Leste de SP e 2 ficam feridos; imigrantes deixam suas casas em Itaquera por medo de xenofobia. **G1**, São Paulo, 19 de maio de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/19/angolano-morre-esfaqueado-na-zona-leste-de-sp-e-2-ficam-feridos-imigrantes-deixam-suas-casas-em-itaquera-por-medo-de-xenofobia.ghtml>>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 20-71.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na cultura (1930). In: *O mal-estar na cultura e outros textos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 57-220.

FUKS, Betty. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GEBRIM, Ana Carolina Campos. *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GODOY, Gabriel Gualano de. *Refúgio, Hospitalidade e os Sujeitos do Encontro*. In: GEDIEL, J. A. P. & GODOY, G. G. de (Org.). *Refúgio e Hospitalidade*. Curitiba: Kairós Edições, 2016. 39-65

JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KNOBLOCH, F. Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 169-174, 2015.

LACAN, Jacques (1957-58). *O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge

LACAN, Jacques (1958-59). *O Seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

LACAN, Jacques (1959-60). *O Seminário. Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques (1960-61). *O Seminário. Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques (1958a). “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques (1958b). “A significação do falo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques (1959). “À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques (1970). “Radiofonia”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. Racismo e extimidade. *Derivas analíticas*, Belo Horizonte, n. 6, s/p. Jun. 2016.

NASIO, Juan-David. *Os grandes casos de Psicose*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

NASIO, Juan-David. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Traduzido por André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004.

ROSA, Miriam Debieux; CARIGNATO, Taeco Toma; BERTA, Sandra Letícia. Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 35-48, Jun. 2006.

RUDELIC-FERNANDEZ, Dana. Linguagem do caso: modelo e modalidades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, Vol. 35, Nº 64/65, p. 57-72, 2002.

SOLER, Colette. *O que faz laço?*. Traduzido por Elisabeth Saporiti. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

SOLER, Colette. *Rumo à identidade*. Traduzido por Sonia Campos Magalhães. São Paulo: Aller Editora, 2018.